

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
30 de dezembro de 2021

HOUSE OF STRANGERS / 1949

(Sangue do Meu Sangue)

um filme de Joseph L. Mankiewicz

Realização: Joseph L. Mankiewicz / **Argumento:** Philip Yordan e Joseph L. Mankiewicz (não creditado), com base no romance **I'll Never Go There Any More** de Jerome Weidman / **Fotografia:** Milton Krasner / **Montagem:** Harmon Jones / **Direcção Artística:** Lyle Wheeler e George W. Davis / **Música:** Daniele Amfitheatrof / **Interpretação:** Edward G. Robinson (Gino Monetti), Susan Hayward (Irene), Richard Conte (Max Monetti), Luther Adler (Joe Monetti), Efrem Zimbalist, Jr. (Tony Monetti), Debra Paget (Maria), Paul Valentine (Pietro Monetti), Hope Emerson (Helena Domenico), Esther Minciotti (Theresa Monetti).

Produção: Sol C. Siegel, para Twentieth Century Fox / **Cópia:** DCP, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 100 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 1 de Julho de 1949 / **Estreia em Portugal:** 21 de Junho de 1954, no Tivoli.

O filme que veremos hoje é o que se segue, na carreira de Mankiewicz, a **A Letter to Three Wives**, esse filme assombroso, certamente um dos melhores dos "forties". **House of Strangers** não será porventura tão interessante nem tão original, mas qualquer filme de Mankiewicz, como o ciclo que lhe foi dedicado pela Cinemateca em 1992 comprovou, é sempre um filme excelente e este não é excepção. No entanto, é preciso esclarecer logo de início que o projecto não foi originalmente escolhido por Mankiewicz: Sol Siegel tinha incumbido o, argumentista Philip Yordan de adaptar parte de um romance de Jerome Weidman onde aparecia um tal Max Monetti, personagem, cujo perfil entusiasmou Siegel. Mas depois de Yordan ter o argumento escrito, chegou-se à conclusão de que era péssimo, Zanuck e Siegel lembraram-se de perguntar a Mankiewicz se ele não estaria interessado em pegar naquele projecto. Mankiewicz respondeu afirmativamente e começou por deitar fora todos os diálogos que Yordan escrevera, pelo que não é de estranhar ao longo do filme aquele estilo literário inconfundível que caracteriza quase todos os filmes de Mankiewicz. Como também não é de estranhar a circunstância de Mankiewicz ter ficado de cabelos em pé quando Siegel decidiu pôr o nome de Yordan no genérico como responsável pelo argumento e não fazer menção da pessoa que tinha salvo o filme do desastre! Mais tarde, por ironia suprema, Yordan haveria de se celebrar ("original story by...") repetindo a mesma receita em **Broken Lance** (1954) de Dmytryck, um western com Spencer Tracy.

Estes problemas foram uma espécie de indício do azar que estava ligado ao filme desde o início. O filme foi um fracasso comercial, em grande parte porque foi boicotado pelos próprios donos de cinemas pela América fora, que se ressentiram contra afirmações que Mankiewicz fizera à revista *Life* acerca das funções das pessoas que eram donas de salas

de cinema: não tinham nada que emitir juízos de valor sobre os filmes; tinham mas era de tirar as pastilhas elásticas das alcatifas e velar para que os adolescentes no primeiro balcão não fossem longe demais nas suas experimentações sexuais. Por outro lado, a família Giannini de San Francisco sentiu-se atingida pelo argumento do filme, sobretudo no que respeitava à personagem de Edward G. Robinson. Fizeram tudo, ao que parece, para prejudicar qualquer êxito que o filme pudesse ter tido. Depois foi o próprio Spyros Skouras, um dos poderosos da Fox, que embirrou com a mesma personagem porque achava que tinha sido uma punhalada de Siegel contra a sua pessoa. Assim, **House of Strangers** é uma espécie de filme esquecido na filmografia de Mankiewicz, o que é injusto, pois o filme tem muito para o recomendar.

Sobretudo se atentarmos na maestria das sequências iniciais do filmes (anteriores ao "flashback"), com o ambiente de mistério que é dado de modo exemplar até Conte chegar à casa antiga dos pais. Aí temos um toque de génio de Mankiewicz quando Conte põe um dos discos do pai, a ária de tenor "M'eppari", e a câmara "acompanha" (por assim dizer) o som do disco a subir as escadas (um pouco como fez Hitchcock em **The Man Who Knew Too Much**). O "flashback" é introduzido de uma maneira que lembra o mestre supremo desta técnica, Michael Powell, com um "raccord" que inicia a regressão temporal. Tudo isto é dado em poucos momentos com uma segurança e um sentido de "timing" que deixa o espectador estupefacto.

As críticas que se fizeram ao filme no respeitante à caracterização das personagens têm talvez uma certa razão de ser (as personagens de Robinson, Hayward e Conte foram criticadas pelos jornais quando o filme saiu), mas mesmo o *Manchester Guardian* reconheceu, por exemplo, que a cena de amor entre Hayward e Conte "has at least the distinction of being one of the most acid tongued to be heard in an American film", o que não surpreende quem se lembre que Mankiewicz tinha acabado de rodar um filme que se centrava precisamente numa "língua ácida" que nunca aparece, a fabulosa Celeste Holm cuja voz nós ouvimos em **Letter to Three Wives**. O único aspecto um pouco inconsistente da relação entre Conte e Hayward é a transformação final do par, quando abdicam da vingança e em certa medida das suas personalidades rebarbativas para começarem de novo na Califórnia.

Mas o que espanta mais quem tem a oportunidade de ver **House of Strangers** hoje é a filiação que se surpreende para os filmes americanos posteriores que têm por universo famílias ítalo-americanas. São várias as vezes em que nos lembramos de Coppola e de Scorsese ao longo do filme, sobretudo na relação sufocante entre o pai e os filhos, que acabam por se destruir uns aos outros. Mais um indício de que a filmografia de Mankiewicz tem títulos inesperados que antecipam de forma insólita tendências que mais tarde se afirmariam no cinema americano, títulos esses que nos ajudam a compreender de modo mais abrangente a imaginação criativa do genial realizador de **The Ghost and Mrs Muir** e de **Cleopatra**.

Frederico Lourenço